

# PSICOLOGIA E CINEMA: POSSIBILIDADE DE AÇÃO DIANTE DA TEMÁTICA DO RACISMO

---

SIRLENE PEREIRA BISPO<sup>1</sup>

[ORCID: 0000-0003-2501-0996](https://orcid.org/0000-0003-2501-0996)

---

IVONE MAIA DE MELLO<sup>2</sup>

[ORCID: 0000-0003-2435-4041](https://orcid.org/0000-0003-2435-4041)

---

**Resumo:** Este artigo relata uma ação extensionista desenvolvida pelo projeto Cinema: subjetividade, cultura e poder, da Universidade Estadual de Feira de Santana, através de conversações com elementos da metodologia de grupo focal, abordando o tema do racismo através de texto/filme/comentário de convidado. Trabalhamos com a ideia de mito negro, trazida por Neusa Sousa, e interiorização da inferioridade de Frantz Fanon. As questões levantadas pelo público incluíam aspectos subjetivos e sociais vivenciados pelos participantes e perguntas sobre formas de tratar o sofrimento psíquico decorrente do racismo. Concluiu-se que os resultados da atividade produziram impactos significativos para os presentes, por

<sup>1</sup> Graduada no curso de Bacharelado em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Membro do Núcleo de Estudantes Negros e Negras da UEFS. Promove e participa de espaços em torno da temática racial, dando ênfase ao impacto psicológico. Bolsista Fapesb, na modalidade de iniciação científica, com o título: AÇÃO DO SIMBÓLICO NA FORMAÇÃO DO SINTOMA NO SUJEITO NEGRO: UMA LEITURA A PARTIR DE FANON E NEUSA SOUZA, no período entre agosto/2018 e julho/2019. Colaboradora voluntária no Projeto de Extensão Cinema: subjetividade, cultura e poder da Universidade Estadual de Feira de Santana no período de setembro/dezembro de 2018. Contato: ([sirlenepbispo1@gmail.com](mailto:sirlenepbispo1@gmail.com)). Telefone (75)992597662.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Fumec (1993), especialização em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana, pelo Instituto de Psicanálise da Bahia/ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (2018), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2009). Pós doutorado em Psicanálise e Saúde Mental (2016). Professora adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana, Membro do NUC - Núcleo de Estudos da Contemporaneidade e coordenadora do LAPS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, com projetos de pesquisa e extensão envolvendo temas ligados a psicanálise, saúde mental e cultura contemporânea. Contato: ([ivonemaia@uefs.br](mailto:ivonemaia@uefs.br)). Telefone (71) 992733659.

constituir-se como espaço de fala, debate e elaborações acerca do racismo na universidade, racismo estrutural e representatividade, permitindo posterior multiplicação desse debate

**Palavras-chave:** Racismo. Sofrimento psíquico. Cinema.

### **PSYCHOLOGY AND CINEMA: POSSIBILITY OF ACTION ABOUT THE THEME OF RACISM.**

**Abstract:** This article reports an extensionist action developed by the Cinema project: subjectivity, culture and power, from the Universidade Estadual de Feira de Santana, through talks with elements of the focus group methodology, addressing the theme of racism through text / film / guest commentary . We worked with the concept of black myth, by Neusa Sousa, and interiorization of inferiority by Frantz Fanon. Issues raised by the public included subjectivity and social aspects experienced by participants and questions about how to deal with the psychic suffering of racism. It is concluded that the results of the activity produced significant impacts for the present ones, as it constitutes a space of speech, debate and elaborations about racism in the university, structural racism and representativeness, allowing a subsequent multiplication of this debate.

**Keywords:** Racism. Psychic suffering. Cinema.

### **PSICOLOGÍA Y CINE: POSIBILIDAD DE ACCIÓN DELANTE DE LA TEMÁTICA DEL RACISMO.**

**Resumen:** Este artículo relata una acción extensionista desarrollada por el proyecto Cinema: subjetividad, cultura y poder, de la Universidad Estatal de Feira de Santana, a través de conversaciones con elementos de la metodología de grupo focal, abordando el tema del racismo a través de texto / película / comentario de invitado . Trabajamos con el concepto de mito negro, de Neusa Sousa, y internalización de la inferioridad de Frantz Fanon. Las cuestiones planteadas por el público incluían aspectos subjetivos y sociales vivenciados por los participantes y preguntas por las formas de tratar el sufrimiento psíquico derivado del racismo. Se concluye que los resultados de la actividad produjeron impactos significativos para los presentes, por constituirse como espacio de habla, debate y elaboraciones acerca del racismo en la universidad, racismo estructural y representatividad, permitiendo posterior multiplicación de ese debate.

**Palabras clave:** Racismo. Sufrimiento psíquico. Cinema.

**Submetido em:** 30/09/2019.

**Aceito em:** 01/08/2019.

## **INTRODUÇÃO**

A extensão universitária, como um dos três pilares da educação, junto com o ensino e a pesquisa, tem como papel específico promover trocas de saberes

e conhecimentos entre a sociedade e a comunidade acadêmica, fazendo com que a geração de conhecimento possa ser amplamente compartilhada (DE PAULA, 2013). Desse modo, é pertinente pensar que os assuntos por ela discutidos devem ser temas de importante relevância social, no que tange à possibilidade de transformação, principalmente na vida dos mais marginalizados:

As temáticas escolhidas como capazes de abarcar o principal das ações de extensão, de fato, incidem em questões fundamentais do nosso tempo, convocando a reflexão e a intervenção sobre graves desafios e ameaças que pesam sobre o futuro das cidades, sobre o meio ambiente, sobre o mundo do trabalho, sobre a vida cultural transformada em espaço do puro domínio do mercado, do individualismo, do privatismo, da venalidade e da manipulabilidade gerais (DE PAULA, 2013, p. 21).

Dentre essas temáticas vistas como fundamentais em nosso tempo, uma tem merecido especial atenção, devido ao impacto que gera diretamente na vida da maioria das pessoas, e diz respeito à discussão racial, mais especificamente, ao racismo. Assim surgiu a parceria com o projeto de extensão universitária Cinema: subjetividade, cultura e poder, da Universidade Estadual de Feira de Santana, coordenado pela professora Dra. Ivone Maia de Mello, em que realizei uma colaboração voluntária, vinculada a um plano de trabalho de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB): “*Ação do Simbólico na Formação do Sintoma no Sujeito Negro: Uma Leitura a Partir de Fanon e Neusa Souza*”.

O plano de trabalho de iniciação científica em andamento, como parte de um projeto de pesquisa sobre o conceito de Sinthoma na psicanálise lacaniana, tem como objetivo oferecer oportunidade para que a estudante bolsista possa colaborar ampliando as pesquisas sobre autores que tomaram o referencial da psicanálise para refletir sobre algumas das formas do sofrimento psíquico decorrente do racismo, e a produção sintomática que visa dar conta desse mal-estar na contemporaneidade. Por se tratar de um tema atual, de relevância e interesse no contexto de uma universidade pública no estado da Bahia, de população majoritariamente negra, a possibilidade de ampliar a experiência de iniciação à pesquisa com uma atividade de colaboração e intercâmbio com a extensão foi considerada no contexto de um projeto de extensão em andamento com atividade cineclubista, denominado Cinema: subjetividade, cultura e poder, da Universidade Estadual de Feira de Santana, que juntou os bolsistas de iniciação científica (pesquisa), monitoria (ensino) e extensão,

articulando temas diversos, entre os quais foi organizado o cinedebate “*Racismo e Sofrimento Psíquico*”.

## O CINEDEBATE COMO AÇÃO EXTENSIONISTA

O cinema tem como principal objetivo, historicamente, a promoção de entretenimento, porém é cada vez mais comum o seu uso atrelado a objetivos culturais e/ou educacionais, permitindo a inserção de vários temas de interesse da comunidade acadêmica, território cultural e/ou contexto educacional, tais como o debate sobre questões de gênero, sexualidade, étnicas, políticas e sociais (LARRUSCAIN, OLIVEIRA, 2011).

Segundo Quaresma (2010), a partir do cinema se produzem valores, costumes e comportamentos na sociedade, já que, como nos diz Lima *et al* (2018), o filme acessa todos os níveis de escolaridade e permite uma integração de saber entre conhecimento popular e científico. Assim se torna pertinente o uso do cinedebate na discussão de uma temática tão problemática e sempre atual como o racismo, temática essa que perpassa todos os setores da sociedade. O cinedebate “*Racismo e Sofrimento Psíquico*” objetivou ampliar a discussão acerca do racismo, fazendo com o que o conhecimento produzido pela academia, especialmente na área de Psicologia, fosse compartilhado com o público, universitário ou não. Sendo assim, buscou fomentar novas possibilidades na discussão, valorizando a importância do debate acerca dessa temática, mantendo-a sempre em movimento.

Enquanto estrutura hegemônica, o racismo contribui para formar opiniões, por meio de valores que são manifestados nas ações e discursos de indivíduos, instituições, educação, mídia etc. Frantz Fanon descreveu em seu livro *Peles Negras, Máscaras Brancas* (2008) como as revistas destinadas ao público juvenil desempenhavam esse papel de manutenção do ideal racista numa sociedade colonizada, através do que ele denominou de interiorização da inferioridade feita pelo negro, a partir da repetição dessas ideias pela sociedade. Nessas revistas era liberada toda agressividade em relação ao negro:

Em toda sociedade, em toda coletividade, existe, deve existir um canal, uma porta de saída, através do qual as energias acumuladas, sob forma de agressividade, possam ser liberadas. É a isso que tendem os jogos nas instituições para crianças, os psicodramas nas terapias coletivas e, de modo mais geral, as revistas ilustradas para os jovens, – cada tipo de sociedade exigindo, naturalmente, uma forma de catarse determinada. As histórias de

Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafio da agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos, destinados às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas – e podemos pensar que a situação é análoga nas outras colônias – os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário “que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados”, tão facilmente quanto o menino branco. Algumas pessoas poderão pretender que isso não é muito importante, porque não refletiram sobre o papel dessas revistas ilustradas (FANON, 2008, p.130-131).

Nos dias atuais, o cinema tem contribuído com os processos de subjetivação, já que “Os mitos, os heróis, as tramas e, principalmente nos dias de hoje, os efeitos de imagem são capazes aguçar o imaginário das pessoas, fazendo com que se relacionem com os filmes de forma muito motivada” (Quaresma, 2010, p.2). Entretanto, conforme comenta a autora, a maior parte da produção cinematográfica é centrada num discurso hegemônico e de controle social.

Nesse contexto, as possibilidades de enfrentamento ao racismo e ao que ele perpetra são reduzidas, embora possamos observar maior crescimento de filmes que abrem espaço de representação e reconhecimento negados durante séculos. Citamos produções do cinema estadunidense, a exemplo do filme *Moonlight: Sob a luz do luar* (2016) e o longa de super herói *Pantera Negra* (2018), ambos premiados e com alcance de um público amplo. De modo mais tímido, apesar das disparidades apresentadas através dos números divulgados nas estatísticas da ANCINE (2018), o cinema brasileiro também tem produzidos filmes sobre a temática racial, como *Quanto Vale, ou é Por Quilo?* (2005) e *Besouro* (2009). Logo, a representatividade surge como possibilidade de desfazer a lógica racista, o que esteve bastante presente nas falas dos participantes, desconstruindo a imagem da negritude como algo negativo.

Outra forma de enfrentamento do racismo é a que desvincula os modelos fixados no imaginário social sobre o negro, já que “a literatura oficial ou anedótica criou tantas histórias de pretos, que não podemos mais ignorá-las” (FANON, 2008, p.145). Assim, diversos autores negros têm ganhado destaque, com discussão racial através da literatura, da filosofia e das ciências sociais, a exemplo de Conceição Evaristo, Djamilia Ribeiro e Carla Akotirene. Esta perspectiva coaduna-se com o ponto de vista da psicanalista Neusa Santos Souza, a qual disse que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso

sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (SANTOS, 1983, p.17). Esse é o meio pelo qual ela acredita ser possível desfazer a trama do que chama de mito negro, que é todo o imaginário negativizado que foi criado sobre o negro e funciona na manutenção do racismo. A produção discursiva sobre sua própria história e existência permite deixar de ser objeto da narrativa do outro, assumindo autonomia em relação a sua própria identidade.

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS FILMES

O longa metragem escolhido para esta experiência de extensão foi “What Happened, Miss Simone?”, Documentário norte americano com direção de Liz Garbus do ano 2015, que traça a história da cantora e ativista negra Nina Simone, explicitando como o racismo impacta sua vida e influencia na sua carreira. O filme relata a vida de uma cantora de grande renome internacional, cuja história de vida serve de exemplo e motivação na luta antirracista. Além disso, o filme traz outras importantes contribuições para o debate racial; uma delas diz respeito à discussão, também levantada pelo público, sobre a dificuldade de reconhecimento da capacidade da mulher negra, nesse caso, uma capacidade artística para o piano, que se coadunava com seu desejo de ser pianista clássica, comprometido devido a sua condição de mulher negra, com a exigência de que seu trabalho incluísse o canto e se restringisse ao contexto musical do Jazz/Blues, ritmo originariamente produzido por negros do sul dos EUA.

Outras situações comuns à realidade das mulheres negras são retratadas pelo filme, como conflitos na parceria amorosa, relacionados à “solidão da mulher negra” (SOUZA, 2008), em que é a cantora é vítima constante de violência doméstica. Essas questões presentes na vida de Nina Simone são geradas ou impulsionadas pelo racismo e culminam em um sofrimento psíquico que se agrava ao longo da sua carreira, prejudicando suas relações profissionais, pois seu público sente o abatimento da artista. Outro fator que interfere na sua carreira é o ativismo racial e em defesa dos direitos civis que a cantora passa a assumir em determinado momento, que ela traduz, inclusive, em algumas de suas composições, o que faz com que passe a ser vista com maus olhos pela elite mantenedora dos seus contratos. Seus shows diminuem consideravelmente a partir daí. Como ela diz no filme, para ela não era possível ser artista sem refletir seu tempo. Um exemplo do ativismo presente nas suas composições

está na música Mississippi Goddam, escrita após a morte do ativista Medgar Evers no Mississippi e de quatro crianças numa igreja no Alabama:

*Alabama's gotten me so upset.  
Tennessee made me lose my rest.  
And everybody knows about Mississippi goddam...  
Can't you see it, can't you feel it, it's all in the air.  
I can't stand the pressure much longer, somebody say a prayer  
(SIMONE, 1964).*

A trajetória de Nina Simone mostra como o sofrimento psíquico, especialmente no caso de pessoas negras, é presente mesmo diante de uma carreira de sucesso. Assim, esperou-se que a empatia com sua história contribuísse no processo de discussão, levando à compreensão de que o racismo é um problema cotidiano enfrentado por diversas pessoas no mundo, inclusive no Brasil, sendo a cantora um exemplo de como a questão afeta o sujeito e gera sofrimento.

O curta-metragem “*Pode me chamar de Nadí*”, contextualiza o sofrimento gerado pelo racismo no Brasil. Foi escrito e dirigido por Déo Cardoso, lançado em 2009 e se passa no Ceará. Nele, a menina Nadí é a personagem principal que sofre com seus cabelos crespos, devido às brincadeiras racistas feitas pelos seus colegas da escola, o que a leva a não conseguir retirar o boné da cabeça. O curta de apenas 19 minutos é bastante sensível e consegue mostrar o cotidiano de uma menina negra na escola. Ele começa com Nadí folheando uma revista de celebridades, todas com cabelos lisos ou alisados, mostrando como a falta de referência é uma realidade presente na vida das crianças negras. Outra realidade abordada é a diferença entre as interatividades de uma menina branca e uma negra, uma vez que, no filme, a única menina branca com quem Nadí tem contato está numa *lan house*, interagindo na internet, possibilidade que parece distante da menina de baixa renda com aceitação da identidade comprometida, como o próprio filme mostra, que acaba tentando interagir mais com os meninos que jogam futebol na rua.

Um acontecimento inesperado, quando eles arrancam seu boné e saem correndo, faz com que, ao tentar recuperar o chapéu, ela encontre Laila, uma modelo negra que assume seus cabelos crespos e mostra a Nadí que ela pode ser bonita do jeito que é, frisando a importância da representatividade na vida da pessoa negra, para que ela supere sofrimentos provenientes do racismo.

Suas palavras produzem como efeito o abandono do uso do boné. Podemos pensar que algo se desloca a partir do olhar desse outro e lhe permite restaurar algo de sua imagem narcísica, a partir de da palavra e de um lugar que encontra no desejo do outro.

De modo geral, os filmes nos mostram através das histórias de uma menina pobre do Ceará e uma cantora de sucesso internacional que o racismo está para além da questão de classe. É possível perceber através das duas tramas que o sofrimento psíquico gerado pela condição de raça, por exemplo, atravessa a barreira financeira.

Em uma entrevista em vídeo, a psicanalista Neusa Souza, testemunha sua própria experiência como mulher negra, nascida em Cachoeira (1958), na Bahia. Neusa alcançou reconhecimento profissional convivendo com a elite intelectual da época, majoritariamente branca. O impacto de ser uma exceção no meio psicanalítico mostrava que mesmo ascendendo socialmente, ela não estava livre do racismo. Dedicada ao trabalho, sua vida pessoal era solitária e sua morte testemunha seu sofrimento, ao cometer suicídio em 2008. Sua obra de maior sucesso foi o *Tornar-se negro*, na qual ela conta as dificuldades de um negro em ascensão no Brasil, diz ela:

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação. (SOUZA, 1983, p.23)

O Conselho Federal de Psicologia tem incentivado as produções na área do racismo e acredita que as contribuições teóricas no campo das relações raciais têm-se intensificado, destacando a obra “Tornar-se negro”, como marco inaugural dessas obras (CFP, 2017).

## **METODOLOGIA**

A construção do cine debate teve início pela escolha do tema, seguida da pesquisa de filmes, longas e curtas; e de textos que pudessem fomentar a discussão. Para esse encontro, o texto selecionado foi “*Cor e Inconsciente*” de Isildinha Baptista Nogueira (2017). A organização feita pela própria equipe do projeto incluiu a divulgação, criação do cartaz e divulgação nas redes com pelo menos uma

semana de antecedência. Para a atividade eram reservadas 3h , sempre em tardes de quartas-feiras em datas pré-estabelecidas. Era exibido primeiro um curta-metragem, que nesse caso contextualizou o racismo no Brasil, e depois um longa metragem. Após o período de exibição dos filmes o espaço era aberto para as considerações dos presentes acerca dos filmes e da temática, que era feita com a colaboração de algum profissional convidado e com especialização na área, ou numa temática próxima. Nesse cinedebate, infelizmente, o tempo disponível não contemplou a necessidade de fala de todos os inscritos, entre as aproximadamente 40 pessoas presentes, o que parece indicar uma demanda maior de escuta por parte desses sujeitos. O local da atividade foi a Biblioteca Central Julieta Carteadó e foi aberto à comunidade acadêmica e público externo, considerando que a extensão universitária tem a missão de extrapolar os muros da universidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível perceber que as questões levantadas pelo público giraram principalmente em torno de experiências cotidianas de racismo, sendo os relatos voltados para os testemunhos dos participantes e para o comportamento manifestado pelas pessoas que agem de forma racista. Não pareceu ser de conhecimento do público a ação social e política da psicologia, como atuante, inclusive, na dinâmica conjuntural das manifestações sociais, além do trabalho clínico com o sofrimento psíquico.

Partindo dessa análise é possível fazer duas suposições: 1) A representação que as pessoas têm da Psicologia ainda é aquela individualista, que não se atrela muito a questões sócio-culturais (PRAÇA, NOVAES, 2004); 2) Um dos motivos para isso acontecer, quando o tema é racismo, pode ser o fato de a discussão ser pouco pautada na grade curricular dos cursos de Psicologia (SANTOS, SCHUCMAN, 2015); conseqüentemente a temática tem pouco destaque dentro da área profissional, o que repercute na visão da sociedade. Essa visão é reflexo de uma Psicologia que, na maioria das vezes, de acordo com Gonçalves e Portugal (2016) destina o pensamento de questões sociais a psicólogos sociais ou alunos que queiram seguir nesse campo, o que acaba funcionando como uma especialização dentro do curso, e não como obrigação ética de todo profissional. Sendo assim, promover discussões que despertem para a necessidade dessa pauta é de fundamental importância e tal ação deve ser pensada de maneira a atingir o maior público possível. É importante frisar que esse trabalho não pretende aprofundar essas discussões apresentadas aqui como possibilidades, mas traçar um diálogo em torno da necessidade de discussão do tema e da importância da experiência do cine debate.

A maior parte dos participantes demonstrou possuir algum grau de consciência sobre o sofrimento psíquico gerado pelo racismo, com testemunhos em que os efeitos do racismo sobre a subjetividade foram evidenciados. Em nossos estudos, esse mal-estar é referido a condições estruturais, implicadas na manutenção das condições econômicas e sociais e políticas, a exemplo da situação das mulheres negras como uma condição inserida na lógica do capital em que essas “recebem os mais baixos salários, são empurradas para os ‘trabalhos improdutivos’ – aqueles que não produzem mais-valia, mas que são essenciais, a exemplo das babás e empregadas domésticas” (ALMEIDA, 2018, p. 145). Em nossa experiência, as mulheres negras tiveram participação expressiva na discussão do racismo e suas consequências. Os principais pontos apontados por elas na discussão giraram em torno da pouca credibilidade que, geralmente, recebem em relação à sua capacidade em diversas áreas, e em relação ao “*comprometimento da auto estima*” de acordo com suas falas. Dessa forma, a discussão enveredou para a questão estética e de representatividade.

Essa questão da representatividade também foi levantada pelo debatedor convidado, Prof. João Rodrigo Araújo Santana da Área de Sociologia da UEFS, considerando sua experiência pessoal de perceber a pequena quantidade de pessoas negras entre os docentes de uma universidade estadual localizada na Bahia, de população majoritariamente negra. Essa diferença foi ainda mais perceptível entre os professores de Psicologia. Para Almeida (2018) o racismo incide sobre os processos de subjetivação, com consequências na constituição psíquica dos negros, a exemplo de atributos negativizados associados à pessoa negra: “O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro” (FANON, 2008, p.160). Sendo assim, algumas pessoas que sofrem racismo passam a internalizar essas ideias, acreditando e funcionando dentro da lógica que o racismo pretende impor. Alguns autores chamam essa situação de racismo pessoal.

O racismo pessoal seria aquele internalizado, em que a pessoa negra o faz de modo coercitivo (CFP, 2017). Mas, para agir na pessoa, o racismo conta com uma rede de atuação muito mais complexa, estruturada na sociedade de modo a impactar o negro não só na sua personalidade, como também na negação da sua cultura, sua história e existência, atendendo a interesses ideológicos, culturais, políticos e financeiros. Seguindo essa linha, Almeida (2018) mostra que existem três concepções de racismo: individualista, institucional, e estrutural; sendo a individualista uma relação entre racismo e subjetividade, a institucional uma relação entre racismo e Estado (instituições) e a estrutural a relação entre racismo e economia (estrutura). Portanto é importante empreender essa discussão a partir das diversas áreas que atuam sobre a vida, a sociedade, e o modo de relação entre as pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do cine debate “*Racismo e Sofrimento Psíquico*” trouxe várias contribuições, não só pela quantidade de pessoas presentes, mas pela oportunidade lançada de debater a temática de modo convidativo, alcançando o maior número possível de pessoas, que potencializam a viabilidade de multiplicação desse debate. Assim, verifica-se que como nos diz Berti e Carvalho (2013), o cinema tem essa possibilidade de fazer-nos viver, mesmo que temporariamente, a cultura do outro, aproximando experiência e dando-nos diversas alternativas de intervenção.

É perceptível também o valor da extensão para a experiência universitária, considerando que a formação do sujeito, em sua integralidade abrange conteúdos que extrapolam a grade curricular. Nessa perspectiva é bem vinda a intersecção da academia com a comunidade, como espaço formativo que prepara para o exercício profissional. Além do mais, é preciso reconhecer o direito ao conhecimento como direito de todos, e não apenas de uma parcela da população.

Sendo assim, a união entre cinema e extensão universitária se apresenta com uma grande potencialidade de ação, principalmente no que se refere a temáticas tão urgentes como a do racismo. Superar o racismo no Brasil é um desafio que diz respeito ao Estado, em todas as instâncias, às pessoas, e às instituições, de modo conjunto. Ações como essas se somam como contribuições de grandioso valor e potencial transformador na vida de quem mais precisa desse apoio: as pessoas que sofrem com o racismo, seja essa ação de forma direta ou indireta.

Vale ainda ressaltar a importância da articulação entre monitoria, ação extensionista e iniciação científica como meio de discussão de temas de interesse da academia e da população, de forma transversal e efetiva, além de diversificar o leque de possibilidades na forma de trabalhar tais temas no ensino, pesquisa e extensão.

Do ponto de vista pessoal, a experiência acrescentou bastante para minha formação, pois possibilitou os contatos iniciais com o público com o qual estarei em contato no exercício da minha profissão, instigando-me a continuar a parceria pesquisa-extensão através de novos projetos. Toda essa experiência ainda me oportunizou também o manejo com uma temática bastante cara para a minha graduação e formação pessoal, aproximando-me da perspectiva do trabalho em grupo, muito comum na Psicologia, podendo a partir daí ampliar as alternativas de ação do fazer Psicológico de forma criativa, interativa e socialmente comprometida.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é Racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2008.

BERTI, A.; CARVALHO, R. M. O Cine Debate promovendo encontros do cinema com a escola. **Pro-Posições**, v. 24, n. 3 (72), p. 183-199, set./dez. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072013000300011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072013000300011&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 03 jun. 2019.

BESOURO. Direção João Daniel Tikhomiroff. Brasil: Globo Filmes, Mixer, Teleimage, 2009. (94 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NhrSIxqDSEw> IMDB: [https://www.imdb.com/title/tt1322277/?ref\\_=fn\\_al\\_tt\\_1](https://www.imdb.com/title/tt1322277/?ref_=fn_al_tt_1). Acesso em: 25 jun. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília, 2017. 147 p.

DE PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf>. Acesso em 03 jun. 2019.

DIVERSIDADE DE GÊNERO E RAÇA NOS LONGAS-METRAGENS BRASILEIROS LANÇADOS EM SALAS DE EXIBIÇÃO 2016. Observatório do Cinema e do Audiovisual: Ancine (Superintendência de Análise de Mercado), 2018. Acesso em: 28 maio 2019. Disponível em disponível em: [https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe\\_diversidade\\_2016.pdf](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf).

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONÇALVES, M. A.; PORTUGAL, F. T. Análise Histórica da Psicologia Social Comunitária no Brasil. **Psicologia & Sociedade**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 562-571, 08 ago. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n3/1807-0310-psoc-28-03-00562.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2019.

LARRUSCAIN, I. O. S.; OLIVEIRA, M. A. F. O cinema como ferramenta de auxílio no processo ensino-aprendizagem? **Curso de Mídias em Educação**.

Universidade Federal de Santa Maria, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Asus/Desktop/Material%20IC/Larruscain\\_Ida\\_Ourica\\_dos\\_Santos%20CINEMA.pdf](file:///C:/Users/Asus/Desktop/Material%20IC/Larruscain_Ida_Ourica_dos_Santos%20CINEMA.pdf). Acesso em: 03 jun. 2019.

LIMA, C. M.; SANTOS, S.; SILVESTRE, G. C. S. B. Cinema e promoção da saúde: experiência com cine-debate. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 8, n. 22, p. 1-9, out. 2018. Disponível em: [https://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas\\_sociais\\_e\\_aplicadas/article/view/1257](https://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1257). Acesso em: 14 fev. 2019. DOI: <https://doi.org/10.25242/887682220181257>.

MOONLIGHT: Sob a luz do luar. Direção de Barry Jenkins. EUA: A24, PASTEL, Plan B Entertainment, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uPYMXmmlLAI>. IMDB: [https://www.imdb.com/title/tt4975722/?ref\\_=nv\\_sr\\_1?ref\\_=nv\\_sr\\_1](https://www.imdb.com/title/tt4975722/?ref_=nv_sr_1?ref_=nv_sr_1). Acesso em: 25 jun. 2019.

NOGUEIRA, I. B. Cor e Inconsciente. In: KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C.C. (Orgs.). **O Racismo e o Negro no Brasil – Questões para a Psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 121-126

PANTERA Negra. Direção de Ryan Coogler. EUA: Marvel, 2018. (135 min.). IMDB [https://www.imdb.com/title/tt1825683/?ref\\_=nv\\_sr\\_2?ref\\_=nv\\_sr\\_2](https://www.imdb.com/title/tt1825683/?ref_=nv_sr_2?ref_=nv_sr_2). Acesso em: 25 jun. 2019.

PODE me chamar de Nadí. Direção de Déo Cardoso. Ceará, Brasil, 2009. (19 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNmizIrkKU>. Acesso em: 14 jun. 2019.

PRAÇA, K. B. D.; NOVAES, H. G. V. A representação social do trabalho do psicólogo. **Psicologia ciência e profissão**. Brasília, v.24, n.2, p. 32-47, jun. 2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932004000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932004000200005). Acesso em 13 fev. 2019.

QUANTO Vale, ou é Por Quilo? Direção de Sérgio Bianchi. Brasil: Agravo Produções Cinematográficas S/C Ltda, 2005. (110 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2NEcwzvbNOk&t=575s> IMDB: <https://www.imdb.com/title/tt0458074/>. Acesso em: 25 jun. 2019.

QUARESMA, L. O projeto de extensão “cine-debate: cinemarx” (uff) e as polêmicas do esporte moderno na sociedade atual: reflexões a partir da análise do filme “Um Domingo Qualquer”, de Oliver Stone. **Colégio Brasileiro de Ciências do Desporto**, Niterói, set. 2010. Disponível em : <http://congressos.cbce.org.br/index.php/cbcesudeste/iiicbcesudeste/paper/viewFile/2354/1891>. Acesso em: 03 jun. 2019.

SANTOS, A, O; SCHUCMAN, L, V; Desigualdade, Relações Raciais e a formação de Psicólogos (as). **Revista EPOS: Rio de Janeiro**, v. 6, n. 2, p. 117-140, jul./dez. 2015.

SIMONE, N. *Mississippi Goddam*. US: Phillips, 1964. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nina-simone/185487/>. Acesso em: 14 jun. 2019

SOUZA, C. A. S. **A solidão da mulher negra**: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão no social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

WHAT Happened, Miss Simone? Direção de Liz Garbus. Park City (US): Netflix, Radical Media, 2015. (102 min.) Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/70308063?trackId=13752289&tctx=0%2C%2C0c2c8d2d3bcc8a41695fa8d8db8e8c0cfd460dc1%3Aa1e45397decb920e8b03305e02f33beca62892bf%2C%2C>. IMDB: [https://www.imdb.com/title/tt4284010/?ref\\_=fn\\_al\\_tt\\_1](https://www.imdb.com/title/tt4284010/?ref_=fn_al_tt_1). Acesso em: 14 jun. 2019.